



BIBLIOGRAPHIA

ESTUDOS HISTORICOS do
Dr. Antonio da Cunha Barbosa. Rio
de Janeiro. Imprensa Nacional. 1899.
89 pags.

Acabo de reler os «Estudos Historicos» —que foram publicados nesta «Revista» (1898) e deram ao Dr. A. da Cunha Barbosa uma curul no velho Instituto Historico e Geographico Brasileiro. E' o principio de uma serie que promette sobre o mesmo assumpto.

Dentro dos altos muros de minha incompetencia, mas preso da analyse vedora do auctor—dizei as minhas impressões do seu livro de litteratura historica—simples e attrahente.

Cunha Barbosa se revela intelligentissimo cultor das leituras historicas e do sentimento d'arte.

E' um temperamento litterario. Vê, lê e sente e conta o que viu, leu e sentiu.

Pensa que o patriotismo tambem se pode exercer fora dos dominios das controversias dos partidos politicos. Talvez ande errado, mas é o seu convencido modo de ver—a que dá corpo fascinante. No meio das chamas vivas da paixão politica—que hoje—mais que nunca—constitue um meio de vida—uma profissão—não se tem deixado queimar e sereno e altivo e direito—sem um sulco no rosto, sem uma prega na alma—demanda o seu objectivo. A preocupação politica não lhe mina a alma de patriota.

B) Remonta ás nascenças de nossa vida artistica, respira os effluvios matinaes de nossa evolução esthetica e nos monumentos da colonia—talvez a mais adiantada—de quantas tem havido—investiga o espirito historico, a feição artistica de então e traz-nos nú e bello um pedaço da nossa historia. Se não escreveu um capitulo de historia como profissional ou como historiador philosopho—interpreta uma grande phase do nosso desenvolvimento intellectual com a alma de artista.

Um acto de patriotismo, laureando um enlevo de artista.

Leu nos documentos em estudos fulgidas paginas de nossa evolução e viu n'ellas palpitar o sentimento esthetico exprimido em meio estreitissimo e em idoneas descripções derrama as opulencias de seu elevado espirito.

Crente fervoroso—ajoelha ante as aras das velhas egrejas e apoz a prece o austero devoto cede lugar ao artista—que olha as magnificencias artisticas daquelles muzeus e nos delicia com a transmissão de suas impressões.

O seu livro valida um estudioso e um util. Abraça—como thema historico—uma porção de factos—cutr'ora postos fora do circulo do livro de Clio, como inexpressivos, sem significação. As artes, as artes **mecanicas** eram pouquidades—de que não se occupava—embevecida na contemplação da magnitude das proezas dos reis e dos dominadores dos povos. Só havia neste horisonte espaço para os acontecimentos politicos.

Não se reputava então—que—por exemplo—o inspirado musicista Padre José Mauricio—um genio musical transcendente escrevendo o seu admiravel *Requiem*, a altura do de Mozart, superior ao de Verdi e já cantado na « Capella Sixtina »—desenhasse bellissimo arabesco em folha larga da nossa historia. O Padre Nunes Garcia está no plano altissimo de Pergolezo—«foi—dizia o celebre musico Neukom—o primeiro improvisador do mundo.»

Quem diria—nos tempos idos—que escrevia lapidada pagina da nossa vida de povo na estrada da cultura o modesto artista Manuel da Cunha, ex-escravo da familia

Cunha Barbosa—fazendo o retrato do Conde de Bobadella, ainda hoje admirado na Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro?

Ricos trechos de historia patria são os labores de esculptura do habilissimo mestre Valentim, contemporaneo de Luiz de Vasconcellos.

Tudo isto é fragmento da vida nacional e assim nol-o mostra o criterioso auctor dos «Estudos Historicos». Expõe a copia do quadro, como historiodor e critico enuncia o seu parecer. Não fica por traz, como Appelles, conserva-se bem á vista e diz o seu juiso sobre o painel copiado.

O seu livro é a um tempo um registro de impressões e uma narrativa historica.

Na altosa do intuito—por traz da calma do narrador mal se esconde o apaixonamento do artista.

Foi-me o seguro guia no emmaranhado do Amasonas a Goyaz, atravez do Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Minas, S. Paulo e Rio Grande do Sul—onde dormiam riquezas de artistas mal-conhecidos á espera do espirito alevantado—que lhes reivindicasse glorias feitas a golpes de talento e de esforços sem conta.

Com venia. A minha impressão pessoal differe um pouquito da do eminente mestre Barão de Homem de Mello—fazendo reservas a Cunha Barbosa quanto a suas apreciações sempre admirativas. Porque? Porque os quadros eram de meio improprio desmerecem attenta consideração? Parece que por isto mesmo são bem dignos de apreço. Os nossos artistas coloniaes, sem estudos regulares, sem modelos, escondidos a um recanto do mundo—não fizeram obras-primas, não o podiam fazer, mas provaram capacidade superior e podiam como Corregio diante do quadro de Raphael—exclamar—«*an ch'io sono piktore.*»

Ou por outros termos a minha divergencia:

Aquilatando mais justicosamente—Cunha Barbosa exagerou por optimismo, e esta ampliação produziu effeito contrario. Talvez tivessem os dois illustres scien-tistas usado de um vidro—refrangendo as figuras—as

augmentasso embonitando-as por um lado e pelo outro as apoucasse.

Admirados diante dos mesmos quadros, como Cunha Barbosa — ficaram Charleroix, Freirior, Koster, Saint-Hilaire, Porto-Alegre, Eduardo Prado.

Quem não conhece a anedocta de Zeuxis — pintando o seu cacho de uvas com tanta naturalidade — que os passarinhos vinham pical-o? A de Myron esculpando a sua novilha com tanta parecença de vida — que os touros e os bezerros corriam para ella?

Saint-Hilaire — tratando da habilidade dos indios para as artes diz que o «Credo» e o «Gloria» da Capella de S. João estam escriptos de maneira a enganarem, a parecerem impressos.

Charleroix falla com vehemencia entusiastica dos mesmos trabalhos.

O artista é por força do seu tempo, do seu meio.

O florir da arte no periodo estudado não foi tão vigoroso, como exuberante, não foi tão copioso de qualidade, como de quantidade. Não o foi — E' — facto — que comprova a these de Viollet-le-Duc «sem independencia não ha arte, nem artistas». Então a liberdade era planta exotica, um mytho na colonia. Ainda hoje não engrossou raizes em materia politica.

A epocha estudada está a myriametro dos brilhos da arte na Grecia antiga, da Italia da Renascença; está longe, muito longe mesmo de outras epochas de fulgores menos intensos; mas tem o seu valor proprio — patentêa os poderosas faculdades de artistas de genio — frustrados á falta de estudos, de estimulos. Mostra a nossa cultura então e ahí está o valor do livro.

Para terminar. Foi intuito do nosso auctor estudar o problema artistico — como um retalho de historia, dar-lhe uma feição scientifica.

Sahiu-se garbosamente e deve continuar — nobilissimo — restaurando pedaços de historia sob o novo ponto de vista.

PEDRO DE QUEIROZ.